

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, E. Miranda e S. Reis

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XVII

AGOSTO 1956

N.º 119

Anunciemos as nossas emissões religiosas

Importante é a missão que Deus confiou à Igreja Adventista nesta hora crepuscular da história da terra. Dia a dia, vão descendo à sepultura milhares dos nossos semelhantes, sem esperança de uma vida eterna, quando poderiam aguardar a bem-aventurada ressurreição se alguém os tivesse encaminhado para o Salvador. Por outro lado, a evolução dos acontecimentos mundiais, nos seus aspectos social, político e religioso, não nos deixa duvidar de que se aproxima rapidamente a fase mais calamitosa do grande conflito entre Cristo e Satanás, e tudo nos leva a crer que não se encontrarão preparados para tomar acertada posição nesse conflito milhares, sim, milhões, que poderiam subsistir se alguém os tivesse orientado a tempo. Ora, precisamente, para ajudar os homens a prepararem-se para o seu termo individual e para as cenas decisivas do conflito com que terminará a história do Mundo, e auxiliá-los assim a ter parte no número dos salvos por altura da segunda vinda de Cristo, — é que o Movimento Adventista existe.

Se este é o nosso objectivo, cumpre-nos examinar francamente os meios que estamos empregando para o atingir. Nem por um momento desejamos pensar em abdicação do propósito original. Isso equivaleria a negar a razão de ser da própria igreja. Mas se o propósito continua sendo o mesmo, quão humilhante para nós não é o facto de empregarmos esforços em absoluto inadequados para a magnitude da obra que nos incumbe realizar!

A Rádio constitui um dos meios mais eficazes para levar o conhecimento da Mensagem a todas as partes do país, mesmo aos ouvidos de pessoas que jamais se decidiram a frequentar as nossas reuniões. De há certo tempo para cá, todas as semanas a Mensagem tem sido irradiada, em português, através de Tânger.

Apesar do encargo financeiro que essas irradiações trazem para a Organização, não se tem feito delas a propaganda que se impunha. Talvez tenha havido alguns motivos — como, por exemplo, as fracas condições de audibilidade — que justifiquem essa falta de interesse.

Acabam agora de tomar-se medidas para assegurar o máximo de eficiência a essas emissões. Foram mudadas para dia mais propício e podem agora ouvir-se mais nitidamente.

Se de futuro continuaremos a ter a Mensagem em português através da Rádio, depende dos resultados que se obtenham com esta nova tentativa.

E esses resultados dependem da propaganda que façamos das emissões. Quanto mais as tomarmos conhecidas, tanto maior será o número dos ouvintes.

Quando desejamos que a Mensagem atinja o maior número de pessoas, e quando nos lembramos que tão dispendiosa fica uma emissão para oito como para oito milhões de ouvintes, deixaremos perder esta oportunidade áurea, pela nossa negligência em levar essas emissões ao conhecimento de todos?

Façamos, pois, quanto em nós esteja, para anunciar as nossas emissões religiosas.

E. Ferreira

DIA DA EDUCAÇÃO

Foi de novo prevista a consagração de um Sábado para apresentar às igrejas as actividades da nossa obra de educação. Os pregadores ou anciãos que forem encarregados do culto desse dia são convidados a terem em conta este facto ao prepararem o seu sermão. Para esse fim são-lhes dadas em seguida algumas indicações acerca desta obra. O produto da oferta deste Sábado será afectado ao Fundo de Educação da União. Contamos com donativos parti-

18 DE AGOSTO DE 1956

cularmente generosos, porque as necessidades são muito grandes.

Algumas informações sobre o início da nossa obra de educação

Muito cedo na história da nossa denominação foi chamada a atenção dos membros para a necessi-

dade de dar-se uma boa educação aos nossos filhos e aos nossos jovens. Pensou-se antes de tudo em abrir escolas primárias, onde as crianças pudessem receber uma instrução sólida, baseada nos princípios bíblicos. Em 1872, o Ir. Jorge J. Butler, então presidente da Conferência Geral, escreveu no nosso jornal de igreja *Review and Herald*:

«Temos necessidade de uma escola dirigida por nossa denominação, em que reine um bom espírito entre os alunos, o que os preservaria das más influências que se fazem sentir na maior parte das escolas da nossa época... Em relação com esta instituição, desejaríamos também estabelecer um departamento em que os que desejam consagrar-se mais tarde ao ministério recebam um ensino que os qualifique para ocupar esse posto.»

Em consequência desse apelo, foram fundadas uma escola primária e uma escola secundária no decurso desse mesmo ano em Battle Creek, Michigan, Estados Unidos. Em 1875, o Colégio de Battle Creek abriu as suas portas: o número de professores elevava-se a sete, e o dos alunos a cem. Outras instituições escolares apareceram em breve nos estados de Massachusetts e da Califórnia.

Aspecto actual da nossa obra escolar

A extensão da nossa obra de educação prosseguiu no mesmo ritmo que a da nossa Igreja, de sorte que na hora actual possuímos no Mundo inteiro 4.568 escolas primárias agrupando 197.515 crianças, e 303 escolas superiores, frequentadas por 36.435 alunos.

Objectivo das nossas escolas

O objectivo original fixado aquando da fundação dos estabelecimentos escolares da nossa denominação ressalta claramente da citada declaração do Ir. Butler. Este tinha escrito que necessitava-

mos de possuir a nossa própria escola, a fim de que as nossas crianças nela fossem educadas ao abrigo das influências nefastas que prevalecem na maior parte das escolas do Mundo. Esta devia ser uma instituição em que os alunos adventistas recebessem uma instrução geral, sem sofrer o molde da educação mundana. Em breve se notou a necessidade de realizar esse programa e de substituir as escolas públicas pelos nossos próprios estabelecimentos educativos. Estas instituições deviam dar aos alunos uma instrução cristã de ordem geral; chamamo-las hoje escolas de igreja, e o seu fim principal continuou sendo o mesmo.

Mas a nossa obra de educação devia também — e isso de acordo com o plano original que tinha sido estabelecido — procurar atingir um segundo objectivo. O Ir. Butler tinha especificado que os estabelecimentos escolares em que os alunos recebam uma instrução geral deviam compreender um departamento em que fossem formados jovens pregadores. Assim, dois objectivos foram fixados às nossas instituições educativas:

1. Proporcionar aos que as frequentam uma educação cristã de ordem geral.
2. Formar missionários e pregadores.

Importância das nossas escolas

A sr.^a White escreve, na obra *Conselhos aos Professores*, pág. 147: «Nada é de maior importância do que a educação das nossas crianças e jovens. A Igreja deve despertar e manifestar profundo interesse nesta obra; pois hoje, como nunca dantes, Satanás e a sua hoste estão decididos a alistar os jovens sob a bandeira negra que leva à ruína e à morte.»

«Ainda que devamos empregar

ardentes esforços em favor das multidões que nos rodeiam, e fazer avançar a obra nos campos missionários, este trabalho — por intenso que seja — não pode servir de desculpa para a negligência que manifestamos na educação das nossas crianças e jovens.» — C. S., pág. 165.

E em *Fundamentals of Christian Education*, pág. 227, lê-se ainda, sob a pena da mesma autora: «Oh, quão lentos somos em aprender! De todas as instituições do Mundo, a escola é a mais importante.»

Muitas outras declarações, tiradas das obras do Espírito de Profecia, poderiam ser citadas para mostrar a importância da nossa obra de educação. Mas estas bastarão. É evidente que a educação das nossas crianças é um dos pontos do programa da nossa denominação para a execução do qual devemos trabalhar activamente.

Apelo para a manutenção da nossa obra educativa

Em presença destes factos, tomemos consciência da nossa responsabilidade e apoiemos a nossa obra de educação como nunca dantes. Oremos pelas nossas escolas de igreja e pelas nossas escolas secundárias. Demos hoje ofertas generosas em seu favor, a fim de que este ramo das nossas actividades possa desempenhar o papel para que foi chamado.

Pelo Departamento da Educação da Divisão Sul-Europeia,

Dr. Otto Schubert

Emissões Religiosas

Todas as segundas-feiras, às 22,30 horas, Rádio África-Mahgreb, de Tânger, transmite a Mensagem, na banda dos 321 metros.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

Este número foi visado
pela
Comissão de Censura

O Baptismo do Espírito Santo

H. M. BLUNDEN

Tanto quanto posso lembrar, tem havido sempre a expectativa de que se repetirá o dia de Pentecostes. Referimo-nos à chuva serôdica; falamos acerca do alto clamor da terceira mensagem angélica. Está para vir. Que visita é essa que estamos esperando? Qual a sua natureza? Por que temos esperado tanto pela sua chegada, e continuamos a esperar ainda? Tem Deus um tempo determinado para concedê-l'O, ou temos nós, por meio de longas e insistentes orações, de forçar-Lhe a mão a dar aquilo que Ele prometeu? Quando virá ela, e como virá? Qual a sua manifestação? Haverá acaso qualquer coisa que possamos fazer para apressar-Lhe a vinda? Se assim é, que é então? E quando Ele vier, que fará por nós?

Nos dois assombrosos dons de Seu Filho e do Espírito Santo, Deus nos deu tudo quanto necessitávamos para viver no mais elevado plano de vitória e poder. Efectivamente, é-nos dito que nessas duas dádivas «o Céu se esvaíou». Nada mais havia a dar.

«Na grande e incomensurável dádiva do Espírito Santo, acham-se contidos todos os recursos celestes. Não é por causa de nenhuma restrição da parte de Deus que as riquezas da Sua graça não fluem em direcção da Terra, para os homens. Se todos estivessem dispostos a receber, todos seriam cheios do Seu Espírito.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 419.

Transportando-nos aos tempos dos apóstolos, observamos que eles passaram cinquenta dias preparando-se para esse dom. Dizeis dez ... Sim, dez afinal ... mas houve dois períodos em seu preparo. Um deles foi passado em companhia do Mestre em adquirir a verdadeira visão da Sua obra e do reino de Deus. Eles tinham muitas concepções erróneas. O segundo período

foi passado na purificação do coração mediante consagração profunda, e reclamando aquilo que Deus prometera quando estivessem preparados para isso.

É indicado um perigo

Um grave perigo em nosso trato dessa grande questão é indicado pela mensagem do Senhor:

«Exactamente antes de deixar os discípulos pelas cortes celestes, Jesus animou-os com a promessa do Espírito Santo. Essa promessa pertence-nos tanto a nós como a eles, e todavia quão raro é ela apresentada diante do povo, e a sua recepção pregada na Igreja! Em consequência desse silêncio sobre tão importante assunto, acerca de que promessa menos conhecemos do que dessa promessa do dom do Espírito Santo, mediante o qual há-de ser comunicada eficiência a todo o nosso labor espiritual? A promessa do Espírito Santo é casualmente introduzida em nossos discursos, tocada incidentalmente, e isto é tudo. Tem-se demorado nas profecias, exposto as doutrinas; aquilo, porém, que é essencial à igreja para o seu desenvolvimento nas forças e eficiência espirituais, para que a sua pregação leve convicção, e almas sejam convertidas a Deus, tem sido largamente deixado fora do esforço ministerial. Este assunto tem sido posto à margem, como se lhe fosse dado consideração em qualquer tempo no futuro.» — *Testimonies to Ministers*, pág. 174.

Se começarmos a guardar esta promessa agora, e a fazer a necessária obra preparatória para a Sua Vinda, acontecer-nos-á alguma coisa. Algo de realmente maravilhoso

ocorrerá então neste grande movimento. Lemos ainda:

«Outras bênçãos e privilégios têm sido apresentados ao povo até que se desperte na igreja o desejo de obter a bênção prometida por Deus; acerca do Espírito Santo, todavia; a impressão tem sido de que esse dom não é para a igreja agora, mas que, num tempo futuro será necessário que a igreja o receba.» — *Idem*.

Creio que isto constitui um perigo para nós hoje em dia. Por que não falamos sobre ela? Porque não oramos e rogamos a Deus por isto? É-nos dito que se o fizermos, o resultado será o baptismo do Espírito Santo.

«Todo o Céu aguarda»

Lemos em relação com isto também: «Todo o Céu aguarda. Aguarda o quê? Esta pergunta parece-me muito séria. Levou-me a profunda meditação, íntimo exame do espírito, durante as semanas passadas. Todo o Céu está aguardando, e nós também aguardamos. Como há-de tal impasse ser despedaçado, de modo que o Céu não mais tenha de esperar, e que, pela graça de Deus, nós não esperemos mais, mas sejamos cheios com o prometido Espírito? Lemos novamente:

«Há positivamente demasiado pouco do Espírito e do poder de Deus no labor do atalaia. O Espírito, que caracterizou aquela maravilhosa reunião no dia de Pentecostes, está esperando para manifestar o Seu poder sobre os homens que se encontram agora entre os vivos e os mortos como embaixadores de Deus.» — *Testimonies*, Vol. V, pág. 252.

Consideremos agora os requisitos da vinda do Espírito Santo. A mensagem do Senhor disse que o Espírito que caiu sobre os apóstolos no dia de Pentecostes, e que caiu sobre o povo de Deus em 1844, revelar-Se-á outra vez em

Já adquiriu o maravilhoso livro da Irmã White «O Desejado de Todas as Nações?» É não só útil para si, mas também será uma valiosa oferta para fazer aos seus amigos.

todo o Seu poder neste movimento. (Idem.) E falando dos dias anteriores a 1844, diz ela:

«Com diligente exame de coração e humildes confissões, chegámos com muita oração ao tempo esperado. Sentíamos todas as manhãs ser nosso dever certificar-nos de que a nossa vida estava recta diante de Deus. Compreendíamos que, se não estivéssemos avançando em santidade, certamente retrogradaríamos. Aumentava o interesse que tínhamos uns nos outros, orávamos muito com os outros e pelos outros. Reunimo-nos nos pomares e nos bosques para comungar com Deus e dirigir-Lhe as nossas petições, sentindo-nos mais plenamente em Sua presença quando rodeados por Suas obras naturais. As alegrias da salvação eram-nos mais que o alimento e a bebida. Se vinham nuvens obscurecer-nos o espírito, não ousávamos descansar ou dormir enquanto elas não fossem dissipadas pela consciência da nossa aceitação por parte do Senhor.» *Life Sketches*, págs. 60 e 61.

Tal foi o espírito que se apoiou do coração daqueles queridos irmãos a quem chamamos pioneiros. Não pregavam senão um assunto. Tudo então se centralizava em Jesus. A grande expectativa era que o povo ia vê-l'O; ia saudá-l'O e encontrar-se com Ele face a face. E é-nos dito: «E qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também. Ele é puro.» I S. João 3:3.

Necessidade de Obra preparatória

«A oração não se destina a efectuar qualquer mudança em Deus; deve levar-nos à harmonia com Ele. Ao dirigirmos-Lhe petições, talvez Ele veja ser necessário que esquadrinhemos o coração e nos arrependamos do pecado. Conduz-nos portanto através de provas, faz-nos passar por humilhações, a fim de vermos o que está impedindo a operação do Seu Espírito Santo em nós.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 143.

Se sois humilhados, pois, não vos aflijais por isto. Deus tem em tudo um desígnio. Está-nos conduzindo, através da humilhação, de modo a podermos ver o que impede a operação do Seu Santo Espírito em nós. Assim há uma obra preparatória a ser feita para receber-se essa plenitude do Espírito. Lemos ainda:

O Senhor manda-nos esvaziar o coração do egoísmo, que é a raiz da separação. Ele anseia por derramar sobre nós o Seu Santo Espírito em abundante medida, e manda-nos limpar o caminho mediante a renúncia.» *Testimonies*, Vol. VI, pág. 43.

Não há espaço para a plenitude do Espírito em qualquer coração em que haja alienação, ressentimento ou amargura para com alguém. Estas coisas fazem parte daquele esvaziamento a ser efectuado.

O precioso dom está à espera da nossa recepção. Deus põe diante de nós uma mesa, mas não nos força a comer. Está batendo à porta de todo o coração, mas não nos obriga a abrir a porta. Colocou nos bancos celestes um depósito de riquezas em que se acham incluídos «todos os recursos do Céu», mas que preençais o cheque. Ele ocupará apenas o espaço que Lhe dermos — nada mais. Anela derramar sobre nós, em grande medida, o Seu Espírito Santo, e manda-nos limpar o caminho. Como? Por meio da renúncia do próprio eu. Não há outro meio.

Confissão do Pecado

«Todo o dia», lemos, «necessitamos da disciplina da humilhação própria, a fim de nos preparar para receber o dom celeste. Idem, Vol. VII, pág. 273.

«Pela oração e confissão do pecado, devemos limpar o caminho do Rei. Assim fazendo, ser-nos-á enviado o poder do Espírito do Pentecostes. Necessitamos da energia pentecostal. Esta virá; pois o Senhor prometeu enviar o Seu Espírito como o poder que tudo vence.» — *Obreiros Evangélicos*.

Conceda-nos Deus essa maravilhosa graça para que nos seja possível fazer o necessário preparo.

Lembrai-vos do caso de Agar. Mandada embora, para o deserto, tinha apenas uma botija de água, mas a provisão era insuficiente para as suas necessidades, e em breve essa água foi consumida. Clamando ela a Deus, Ele abriu-Lhe os olhos e ela viu um poço bem ao seu lado! No deserto, com uma criança, e uma botija de água vazia! E havia um poço exactamente ao seu lado! Oxalá Deus nos abra os olhos! O abastecimento ali está. Por que esperamos nós?

É-nos dito que «se Satanás conseguisse os seus intentos, nunca mais haveria outro reavivamento, grande ou pequeno que fosse, até ao fim do tempo». — *Christ, Our righteousness*, pág. 149. Devo confessar que receio que ele consiga muitos dos seus intentos. Um reavivamento, eis o que necessitamos agora mais do que nunca. Nos dias pentecostais, houve três mil conversões num só dia; cinco mil em outra ocasião; «multidões» crearam, «e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé», «alvorçou-se toda a cidade». «Assim a Palavra do Senhor crescia poderosamente», e a igreja prosperava.

O Pentecostes nos suprirá as necessidades

O Pentecostes supriria todas as necessidades da igreja. E Deus espera que façamos aquilo que é essencial, receber o dom por Ele oferecido em infinita plenitude, para que possa terminar a Sua obra em poder. O Espírito Santo aguarda a nossa «procura e recepção».

Dê-nos o Senhor graça para realizar o que é necessário a fim de receber este bendito dom! Como a mulher de Samaria junto ao poço, a qual encontrou o Salvador e retirou-se levando consigo um poço de água que salta na alma para a vida eterna, possamos nós sair em prol do Senhor.

A ELECTRICIDADE E A VIDA

— Roberto, sabes que cada semana deve receber primeiro um minúsculo choque eléctrico para principiar a crescer?

— Não me digas que aprendeste isso na classe de Física, João. Eu nunca ouvi falar de tal coisa.

— Não, eu não a aprendi na Física, mas li-a no Espírito de Profecia. Depois de fazer a experiência fisiológica da estimulação muscular e eléctrica da rã, procurei nos escritos da Irmã White se ela dizia alguma coisa acerca da íntima associação entre a electricidade e a vida. Fiquei surpreendido por encontrar várias referências sobre o assunto. A que trata da necessidade da electricidade para o crescimento da semente encontra-se em *Parábolas de Jesus*, pág. 63.

— Isso é interessante. Eu também gostava de ler isso. Onde estão algumas das outras passagens que encontraste?

— Está a tocar a campainha, Roberto. Mas procura a palavra «electricidade» no *Index* dos seus escritos. Até logo.

A vida e a electricidade encontram-se tão intimamente associadas que são praticamente inseparáveis. A principal função do vosso cérebro é produzir impulsos eléctricos, que são enviados a todas as partes do corpo através dos nervos. Também gera correntes especiais para o pensamento. Mesmo quando estais a dormir continua a proceder do vosso cérebro uma corrente eléctrica.

Comparado com um moderno calculador electrónico, o cérebro é a última palavra em eficiência. O calculador mais moderno tem 23.000 válvulas eléctricas, mas o cérebro tem 1.500.000.000. Um calculador electrónico com um bilhão e meio de válvulas ultrapassa os sonhos dos engenheiros. Toda a água das quedas do Niágara não

Pelo
Dr. Jackson A. Saxon

bastariam para o manter fresco ou para fornecer a electricidade para o pôr em funcionamento. Seria necessário um gigantesco edificio para alojar as toneladas do seu equipamento. Todavia o vosso cérebro pesa apenas de um quilo a quilo e meio, e com um pouco de glucose e oxigénio e praticamente sem qualquer produção de calor faz tranquilamente muito mais do que o que uma máquina construída pelo homem poderia fazer.

Que sabemos nós acerca dos impulsos eléctricos do cérebro? Com amplificadores que captam os impulsos e os ampliam sob a forma de linhas sinuosas registadas no papel, podemos estudar a acção eléctrica do cérebro. Por meio desses electro-encefalogramas a ciência médica pode diagnosticar doenças do cérebro. Ainda há muito a aprender, mas por meio dessas linhas sinuosas podem localizar-se rigorosamente certos tumores do cérebro.

Os encefalogramas podem indicar as causas de certos tipos de convulsões, tais como as que se observam na epilepsia. Um estudo recente feito em doentes psicóticos indica que as suas ondas cerebrais, enquanto dorme, são muito mais fracas do que as dos indivíduos normais.

Não só é vital para a nossa saúde a electricidade gerada dentro do corpo, mas descobriu-se que a corrente eléctrica aplicada ao corpo pode ajudar a restaurar a saúde.

A diatermia é um método de tratamento que produz profundo calor nos ossos e músculos criando uma corrente eléctrica nessas par-

tes. É muito valiosa para aliviar a dor e para ajudar o corpo a vencer uma infecção localizada.

A respiração artificial pode ser dada com electricidade. A corrente passa através do centro da respiração do cérebro, com intervalos, fazendo com que a pessoa respire de cada vez que o cérebro é estimulado.

Outra utilidade comum da electricidade é na depressão e em certos tipos de loucura. É dado ao cérebro um choque, que provoca a inconsciência e fracas convulsões. Esta intervenção eléctrica parece destruir os trajectos eléctricos anormais que causaram essa condição.

Nascestes com uma certa quantidade de reserva eléctrica no vosso sistema nervoso. Ela fornece a energia com que viveis. O esgotamento dessa reserva pode aumentar a vossa susceptibilidade para a doença e causar um colapso nervoso. Adão tinha vinte vezes mais vitalidade eléctrica do que os homens de hoje. Por isso levou perto de mil anos antes que a doença se desenvolvesse na raça humana. Se desejais aumentar a vossa resistência à doença, necessitais de conservar esta provisão de energia eléctrica, e substituir a que normalmente usais na vida diária.

Três maneiras pelas quais os jovens adventistas do Sétimo Dia frequentemente dissipam a sua energia eléctrica são: demasiado trabalho cerebral sem adequado exercício físico, exagero no comer e falta de sono. A dúvida, a preocupação, a leitura de novelas e romances também desvitalizam o poder cerebral.

Além de uma vida saudável em geral, há algumas maneiras específicas pelas quais podeis refazer a vossa vitalidade eléctrica. Colocai a vossa vontade do lado de Deus, estudai a Sua Palavra, e fazei diariamente exercício físico. Semelhante programa revitalizará todo o vosso organismo com vivacidade e energia.

Tomai hoje a decisão de manter alta a vossa reserva eléctrica. Ela dará elasticidade aos vossos passos e cintilação aos vossos olhos!

ATRAVÉS DO MUNDO ADVENTISTA

África do Norte

A situação evolui rapidamente nesta parte do Mundo. A independência de dois Estados foi reconhecida pela maior parte dos países. De futuro, Marrocos e a Tunísia são Estados livres e soberanos. Embora tenham proclamado a sua adesão ao Islão, parece todavia que estão dispostos a conceder a liberdade religiosa às outras confissões.

Depois do drama sangrento destes últimos meses, a Argélia reencontra lentamente a sua calma, mas não ainda a paz. Durante este longo período perturbado e cheio de perigos, o Senhor vigiou pelos Seus. Até agora, não tivemos a deplorar casos de morte ou pilhagem entre os nossos membros de igreja. Todavia, é fácil de compreender que semelhante situação complica singularmente a obra de evangelização. Os nossos irmãos e irmãs da África do Norte têm necessidade da nossa simpatia afectuosa e das nossas orações, e, acima de tudo, da protecção divina. — *A. Meyer.*

De mecânico a colporteur

Walter Womack trabalhou como mecânico durante muitos anos. Quando aceitou a mensagem teve uma profunda convicção de que devia fazer algo para o Senhor. Em 1942 decidiu fazer da colportagem o seu trabalho. Tinha colportado durante cinco meses quando foi chamado para o serviço militar, mas esteve no exército apenas seis meses, sendo em seguida licenciado. Imediatamente retomou o trabalho que aprendera a amar.

O Ir. Womack tem dedicado todo o seu tempo à colportagem desde 1943. As suas entregas durante os cinco últimos anos totalizaram 54.540 dólares (um pouco mais de mil e quinhentos contos). O Ir. Womack tem uma profunda dedicação ao seu trabalho. A sua esposa, que é enfermeira di-

plomada, presta-lhe um apoio leal e dedica muito tempo a estudar com as pessoas interessadas. O Ir. Womack, que trabalha no Arizona (Estados Unidos), sabe de cinquenta e quatro pessoas que foram baptizadas como resultado do seu trabalho de colportagem. — *A. R. Reiswig.*

Igreja composta de senhoras

«A igreja é composta sobretudo de senhoras», observou um comerciante, em tom de censura. Mas a censura perde o seu valor quando enfrentamos os factos. É digno de lembrar-se que se encontrava um considerável número de senhoras entre os primeiros fundadores do Cristianismo. Algumas delas seguiram a Jesus através do Seu ministério terrestre, e ajudaram a suprir as Suas necessidades materiais. O apóstolo Paulo alegremente reconheceu o excelente auxílio que algumas senhoras lhe deram em fundar igrejas. Porque considerar um sinal de fraqueza o facto de a maioria dos membros de igreja serem senhoras? Só pode pensar assim quem não esteja familiarizado com a história da igreja.

A grande maioria dos professores do Mundo são senhoras, mas isso não se reflecte desfavoravelmente no valor da educação. Se é certo que as senhoras excedem em muito o número dos homens na maioria das igrejas, é também certo que os homens excedem em muito o número das senhoras das penitenciárias! É sem dúvida parte do grande plano de Deus que as senhoras transportem muitas das responsabilidades da obra de Deus na Terra. Quão gratos estamos pelo seu fiel serviço! — *Ernest Lloyd.*

Resposta a uma oração secreta

A seguinte experiência da Conferência de Washington apresenta

uma prova evidente de que Deus prepara as pessoas para as visitas dos nossos colportores. Escreve um colporteur:

«Depois de dizer a uma cliente o que eu estava fazendo, ela disse: 'Entre; desejo mostrar-lhe o que estava a fazer agora'. Ela tinha uma enciclopédia aberta e estava a fazer uma lista de nomes de livros sugeridos como auxiliares do estudo da Bíblia. A lista compreendia cerca de vinte e cinco. Disse ela: 'Estou tão confuso acerca do que crer e para que lado me voltar, que, confesso, não sei que fazer'.

«Ela desejava conhecer o motivo por que as pessoas que não vão para o Céu têm de arder no inferno sem fim. Isso preocupava-a tanto que mal podia dormir. ... Ficou admirada com o conteúdo do nosso livro *Estudos Bíblicos para o Lar* e comprou um exemplar.

«Disse ela que ficou admirada com a minha vinda nessa altura, pois tinha estado a orar secretamente para que Deus a ajudasse a encontrar o livro que mais conviesse e que talvez para ela representasse a salvação.» — *B. E. Wagner.*

As Ilhas de Bismark e de Salomão

A viagem de avião de Lae (Nova Guiné) a Rabaul (Nova Bretanha) durou apenas três horas. O nosso D. C. 3 deslizou por cima das águas na direcção da Nova Bretanha, sobrevoou Tala-sea onde os nossos evangelistas indígenas travam rude luta em favor de uma população atrasada, e tomou a direcção de Rabaul, centro da nossa obra das Missões das Ilhas Bismark e Salomão.

Este porto activo está rodeado de todos os lados por montes vulcânicos, alguns dos quais emergiram da água há relativamente pouco tempo. A entrada da Baía eleva-se o Matupi fumegante. O

ruído e os abalos sísmicos são bastante familiares e regulares naquela região. Durante a nossa reunião do conselho um terremoto bem sensível fez oscilar a lâmpada eléctrica da sala em que nos encontrávamos. Por toda a parte na cidade se pode ler: «Estrada para fugir». Por volta de 1937, Rabaul foi seriamente danificada. Nessa altura estudou-se a possibilidade de uma completa evacuação dessa região mas o porto interessante e os arredores encantadores mantiveram a cidade nesse local.

A nossa obra nestas ilhas data de 1914. O nome de G. F. Jones está-lhe intimamente associado e conserva-se profundamente no coração dos nossos membros. A obra desenvolveu-se consideravelmente desde 1940. O presidente desta União, E. A. Boehm, podia anunciar no seu relatório um efectivo de 1.178 membros. A Escola Sabatina tem cerca de 13.000. É um resultado muito notável nesta região de cerca de 250.000 habitantes. Numa das ilhas, é adventista um dentre cada quatro habitantes. Em Mussau, um em cada dez deixou a ilha como missionário.

Os resultados obtidos entre estes ilhéus são encorajadores. E apenas há alguns anos atrás eles estavam mergulhados na degradação física e moral com tudo o que isso implica, praticando mesmo o canibalismo. Agora o Evangelho mudou o quadro. Os corpos estão limpos, os rostos brilhantes, e cada

dia que passa traz uma melhoria e uma compreensão mais clara da mensagem de Deus aos homens.

A obra que a missão adventista realizou em Mussau, por exemplo, inspirou esta reflexão a um oficial da marinha inglesa: «Nada vi de semelhante em qualquer outra parte. Em menos de dois anos, o canibalismo, a poligamia e outros vícios inumeráveis desapareceram. Já não é usado o porco nem a noz de betel. Verdadeiramente, vós tendes realizado um milagre.» Com efeito, Mussau tornou-se uma ilha adventista e encontram-se jovens desta ilha em grande número de outras regiões, mesmo na Nova Guiné, onde participam na evangelização.

Kata Ragoso

A sudeste de Rabaul encontram-se as Ilhas Salomão. É aí que habita Kata Ragoso, que traz ainda no rosto os sinais dos maus tratos que lhe foram infligidos quando preferiu o serviço de Deus às responsabilidades administrativas de chefe de tribo. A sua libertação da mão do inimigo foi miraculosa. Ele devia ainda realizar até hoje uma tarefa importante na missão. Foi um prazer para mim revê-lo no Conselho da União em Rabaul. Certo número de outros indígenas assistiram igualmente. Os nossos missionários formaram-nos bem.

O melhor território desta União é sem dúvida a missão de Salomão ocidental, dirigida por Kata Ragoso, e independente sob o ponto de vista financeiro.

Há ainda muito a fazer nestas ilhas. Um paganismo repugnante é ainda praticado em muitas aldeias. Uma obra de evangelização bem compreendida dá resultados notáveis.

O trabalho não prossegue sem oposição nem dificuldades. Em Rabaul, um relatório dado por um dos directores de missão lia-se como uma página do apóstolo Paulo aos Coríntios: «Quatro evangelistas foram flagelados; outros foram atacados por aldeãos. Uma jovem senhora foi flagelada por um sacerdote. Os colportores

não puderam entrar numa aldeia, por os habitantes terem recebido ordem de não falar aos colportores adventistas nem de lhes dar comida. Todavia a obra avança. Novos conversos são ganhos e muitos saem das trevas do paganismo para a luz gloriosa do Evangelho.»

Uma oração ouvida

Um professor indígena da Ilha de Nova Bretanha mencionou numerosos exemplos de orações ouvidas. Um bebé abandonado como morto foi miraculosamente curado. Numa aldeia muitas pessoas foram completamente curadas pela oração depois de todos os outros meios terem fracassado. Fiquei maravilhado com o poder manifestado pelo ministério destes servos de Deus. Vários dentre eles são poderosos pela fé e pelas obras.

A necessidade urgente nas Ilhas Bismark e Salomão é um maior número de evangelistas indígenas. A Escola Missionária Jones, em Kambuhu, desenvolve-se felizmente. Dezanove jovens receberam este ano o seu diploma. Tive ocasião de visitar essa escola. Ela é a esperança desta região para a evangelização.

Deixei esta ilha ao som de um hino cantado pelos nossos membros, o qual ressoa ainda aos meus ouvidos: «Quando se fizer chamada, lá estarei?» Queremos nós também preparar-nos para esse dia? Entretanto consagremo-nos ao Senhor. Que Ele nos dirija para o triunfo final! — *W. R. Beach.*

EMISSÕES EM ANGOLA

A Mensagem Adventista, é, todas as semanas, irradiada através da EMISORA DE BENGUELA, nas segundas feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

Página da

Juventude



O autor leu, há poucos meses, que o Dr. Schweitzer estava na sua terra natal de Günsbach, França, e decidiu visitar esse grande homem.

«Diga-me, Dr. Schweitzer, se tivesse oportunidade de falar a todos os jovens do Mundo, que lhes diria?»

dade. Quando leu na revista de uma sociedade missionária francesa que era necessário um missionário médico na África, tomou

gar os salários de um corpo de médicos e enfermeiros, ele tem de vez em quando voltado à Europa para fazer conferências e apresentar recitais de órgão, publicar livros e artigos. Todos conhecem a sua biografia de João Sebastião Bach, e por vezes diz ele, a riv, que Bach tem tido assim a oportunidade de ajudar o seu traba-

Alberto Schweitzer fala à juventude

por Daniel Walther

Antes de apresentar a sua resposta a esta e a outras perguntas, será bom relatar em que circunstâncias encontrei este afamado homem. Considerado um génio universal, destaca-se sobretudo pelas suas actividades humanitárias. Em 1950 ele foi declarado o «homem do século» e em 1953 recebeu o prémio Nobel da paz.

Há quarenta anos, no começo da sua carreira missionária, Alberto Schweitzer era bem conhecido como teólogo, pregador e filósofo, mas era especialmente afamado como músico. Os seus êxitos nas grandes universidades da Europa atraíram uma atenção sempre crescente para este homem excepcionalmente dotado que tinha tantos talentos e que tanto se tinha distinguido em vários campos de pensamento e arte.

Aos trinta anos de idade reconheceu que o que tinha realizado até então não era de grande utilidade para a humanidade. Creu, e ainda crê, que o homem não tem o direito de viver apenas para si mesmo e para a sua própria arte e ciência; deve dar-se à humani-

esse apelo como pessoal. Finalmente, depois de seis anos de árduo estudo em Estrasburgo, durante os quais não abandonou nenhuma das suas outras actividades, recebeu o diploma de médico.

Schweitzer partiu para a África sem qualquer salário, nem lhe foi concedido um centavo para o seu equipamento e transporte. Por sua parte, não esperava nem pedia qualquer remuneração financeira. Tudo que ele desejava era servir o seu Mestre, e queria empregar os seus múltiplos talentos não para fins egoístas mas para ajudar os seus semelhantes na primitiva floresta africana. Até agora serviu nessa capacidade durante quarenta anos, tendo levantado um hospital na África Equatorial Francesa.

Desde que começou o seu trabalho, muitos amigos de todo o Mundo têm-se interessado pelo que ele está fazendo e o têm auxiliado de todas as maneiras possíveis. Quando recebeu o prémio Nobel da paz empregou o dinheiro num hospital de leprosos. A fim de fazer face às enormes despesas de vários hospitais e também de pa-

lho missionário na selva africana.

Há uns vinte anos, tive pela primeira vez o privilégio de me encontrar com o Dr. Schweitzer durante uma das suas visitas à Europa. Quando se encontra na Europa, ele vive na sua Alsácia natal; possui uma casa na aldeia de Günsbach, no pacífico vale de Munter, em França. Senti-me altamente privilegiado por travar conhecimento com ele e por poder passar alguns dias em sua casa.

O Dr. Schweitzer não está muitas vezes na Europa, mas há alguns meses, enquanto eu me encontrava em Estrasburgo, li que o Dr. Schweitzer estava na sua casa em Günsbach, que fica apenas a umas duas horas de comboio de Estrasburgo, e decidi ir ali vê-lo. Eu compreendia bem que um homem tão famoso tinha um programa extraordinariamente pesado, tanto mais que estava para partir dentro de poucos dias para a Inglaterra a fim de receber, das mãos da Rainha Isabel, a Ordem de Mérito. Esta distinção é concedida em geral apenas a ingleses,

tendo antes sido feita um excepção para o presidente Eisenhower.

Eu não era esperado nem anunciado em sua casa, mas tomei a liberdade de, mesmo assim, o visitar. Os numerosos carros estacionados perto de sua casa indicavam que havia muitas visitas, situação que não encontrara vinte anos atrás.

Ao entrar, notei em várias paredes um dístico impresso: «Se for possível, não demorar mais do que cinco minutos porque o Dr. Schweitzer tem que fazer.»

Alberto Schweitzer tem uma aparência viril. A sua face irradia uma extraordinária força. Os seus olhos escuros agitam-se incessantemente e fazer com que nos sintamos pouco à vontade, mas em seguida já olha prazenteiramente como um estudante folgazão. O seu cabelo espesso e insumisso, que sempre parece necessitado de pente, indica vitalidade; e há no homem um ar de alegre independência e, ao mesmo tempo, de acanhamento, porque ele é sensitivo e impetuoso, impaciente e pouco à vontade em sociedade.

Dos dez aos vinte anos ele não foi nenhum prodígio; escolástica-mente foi um aluno medíocre e teimoso que recusava acreditar no que não podia apreender. Por vezes reprovou nos seus exames.

Dentro em pouco fui introduzido numa pequena aldeia, com uma grande secretária, e o Dr. Schweitzer dirigiu-se-me sorridente. Imediatamente me senti à vontade. Não havia qualquer tensão, porque ele espera que as pessoas se sintam naturalmente. Apesar dos dísticos impressos, ali estive uma boa parte da tarde, e depois acompanhei-o, como na minha visita anterior, à igreja da aldeia, onde tocou órgão durante algum tempo.

Durante a minha visita o Dr. Schweitzer falou sobre certo número de tópicos, tais como trabalho missionário, ensino, o seu hospital, o evangelho. E como mencionasse o ensino, a conversa derivou naturalmente para os jovens. Assim, repeti a pergunta: «Diga-me, Dr. Schweitzer, se ti-

vesse a oportunidade de falar aos jovens do Mundo, que lhes diria?»

Referiu-se primeiro a um pequeno livro que contém o seu pensamento acerca da juventude e que, pensava ele, é a sua melhor obra autobiográfica. Intitula-se *Memórias da Infância e Juventude*.

«Devemos ser maduros no nosso pensamento», afirmou: «mas, se maturidade significa o abandono do entusiasmo, não a quero! A palavra *maduro* aplicada a uma pessoa é, para mim, deprimente. Percebo nela, como desacordes musicais, empobrecimento, crescimento atrofiado, sentimentos embotados.

«Libertamo-nos de opiniões e convicções que nos eram caras na nossa juventude. Acreditávamos outrora na vitória da verdade; agora não. Acreditávamos na bondade; agora já não. Eramos capazes de entusiasmo; não agora. Na minha juventude ouvi conversas de crescidos, e eles olhavam com saudade para o seu entusiasmo juvenil. Isso fazia-me assustar; resolvi que nunca me deixaria tornar vítima desse trágico domínio da razão.»

«Que entende, pois, por maturidade?»

«O desenvolvimento da nossa personalidade», respondeu o Dr. Schweitzer, «deve ter como objectivo o fazer-nos mais simples, mais verdadeiros, mais puros, mais mansos, mais amáveis, mais compassivos.»

«Mas, imaginando que tinha todos os jovens diante de si, que lhes recomendaria especialmente?»

«Em primeiro lugar, dir-lhes-ia que fossem mais gratos.»

Devo confessar que esperava uma declaração mais sensacional. vinda de um homem que muitos consideram como o maior homem vivo.

«Por vezes», continuou ele, «sinto-me assediado pelo pensamento de que não mostrei bastante gratidão quando era jovem. Muitos dos meus velhos amigos morreram sem eu lhes dizer o que a sua bondade significava para mim. Muitas vezes disse sobre uma sepultura

palavras que lhes devia ter expresso enquanto ainda viviam!

«Oh, com certeza», prosseguiu ele, «não sou pessimista a este respeito. Há muita gratidão, abaixo da superfície. Uma grande porção de água está fluindo debaixo da terra, e que nunca brota como nascente. Mas os jovens deviam ser como a água que encontra o seu caminho para cima; todos devemos tornar-nos numa nascente, nascente de gratidão, em que os homens possam saciar a sua sede.»

À medida que o Dr. Schweitzer falava, eu admirava a sua força, sim, a juventude que se reflectia no seu rosto apesar dos seus oitenta e um anos. Quando lhe perguntei se voltaria para a África, percorreu os dedos pelo indómito cabelo e os olhos começaram a brilhar com um brilho alegre. «Sem dúvida», disse ele, «eu voltaria ainda que tivesse de me arrastar para lá chegar! Enquanto houver uma centelha de vida em mim aproveitarei a oportunidade de servir.»

«Disse-me que tinha outra coisa a dizer aos jovens, se tivesse o ensejo de falar a todos eles ao mesmo tempo.»

«Sim, há outra qualidade que eu gostaria de ver desenvolver-se nos jovens de toda a parte, e é uma simples e desprezenciosa honestidade.»

Aqui de novo pensei que podia ter recebido uma resposta algo diferente. Mas que podia ser mais original do que ver uma tal pessoa, honesta no seu pensamento, nos seus actos e na sua religião, defender a honestidade?

«Refiro-me, em primeiro lugar, à honestidade intelectual», disse ele. «Ser capaz de pensar os próprios pensamentos, de escrever as suas próprias frases, de falar as suas próprias palavras, de ter uma concepção pessoal e individual de Deus. Deve ser uma honestidade que proceda de um pensamento recto, de um pensamento pessoal. Oh, a frivolidade do nosso século tal como se nota na imprensa, na rádio, e nas relações sociais!»

«Mas, Dr. Schweitzer, os jovens com quem tenho o prazer de estar associado foram criados em lares

cristãos, frequentaram escolas cristãs, e para eles a Bíblia é um livro muito familiar.»

«É com frequência precisamente nos círculos religiosos que mais falta faz a honestidade», respondeu ele. «Não estou pessoalmente familiarizado com a vossa igreja e não conheço os vossos próprios problemas, mas, mas se a natureza humana se manifesta aí como em toda a parte, diria que é difícil encontrar cristãos cuja profissão de fé corresponda às suas acções. Há uma grande discrepância entre as afirmações públicas e as acções privadas, e isso atinge o reino da honestidade básica. O que alguns jovens consideram como religião é apenas um hábito, uma excrescência de costumes que herdaram dos seus pais; constitui parte do seu ambiente. Limitam-se a viver num clima religioso.»

Esta afirmação de Schweitzer era a que esperaríeis de um grande homem. É verdade que em conceitos como estes não encontramos floreios nem superficialidade. Todavia, há princípios fundamentais que têm de ser repetidos, por os tomarmos tanto por assentes.

O próprio Cristianismo também não é novo, nem é nova a mensagem do Advento através da palavra falada e escrita. É sempre a mesma mensagem, mas tem de ser repetida sempre de novo até que produza efeito. As verdades fundamentais têm de ser focadas, de diferentes ângulos e com baterias de variado calibre e força.

Enquanto o Dr. Schweitzer estava falando, notei que a sua secretária, Sr.^a Martin, começava a ficar impaciente. Vários cirurgiões desejavam ver o Dr. Schweitzer, e sua própria filha tinha expressado o desejo de ver o pai, mas ele parecia achar prazer em se deter no pensamento da honestidade intelectual, moral e religiosa. Pouco depois levantou-se e disse: «Vamos para a igreja. Tenho de me preparar para um recital de órgão.»

Ao atravessarmos a pitoresca aldeia, no caminho de casa para a igreja, não pude deixar de pensar nas palavras de Pasteur: «A grandeza nas acções humanas mede-se pela inspiração que as pro-

duz. Feliz aquele que em si alberga um ideal de beleza e que obedece a esse ideal: ideal na arte, ideal no conhecimento, ideal da sua pátria, e ideais das virtudes do Evangelho! Estas são as fontes vivas dos grandes pensamentos e das grandes acções.» Quão bem se aplica isto ao Dr. Schweitzer.

Na igreja ele tirou o casaco, sentou-se ao órgão, e entrou sem tardança em comunhão com o grande João Sebastião. À medida que as divinas melodias ressoavam no amplo espaço, eu secretamente desejava poder sentar-me no mesmo banco e acompanhar a música e a técnica. Como se tivesse ouvido o meu pensamento, ele parou, voltou-se bruscamente para mim e disse: «Venha para aqui e sente-se neste banco.»

Aproximei-me, mas fiquei de pé a pouca distância. Ele insistiu: «Aqui, disse eu», e apontou com

DEUS DIRIGE

«Haverá uma série de acontecimentos que revelarão que Deus é o Senhor da situação. A verdade será proclamada em linguagem clara e inequívoca. Como povo, precisamos preparar o caminho do Senhor sob a soberana direcção do Espírito Santo. O evangelho deve ser proclamado em sua pureza. A corrente de águas vivas deve, em seu curso, aprofundar-se e alargar-se. Em todos os campos, próximos e distantes, haverá homens que serão chamados da rabiça do arado e das mais comuns profissões no comércio em geral preferidas, para se ligarem a homens experimentados e serem por eles instruídos. À medida que aprendam a trabalhar e se tornem eficientes, proclamarão a verdade com poder. Mercê das maravilhosas operações da providência divina, montanhas de dificuldades serão removidas e lançadas ao mar. A mensagem que tanta importância tem para os habitantes da terra, será ouvida e compreendida. Os homens discernirão a verdade. A obra progredirá mais e mais até que a terra inteira seja advertida; então virá o fim.» — E. G. White.

autoridade para o lugar exacto em que me devia sentar. Nada pude fazer senão obedecer!

E em breve ele se esqueceu de tudo. Não deu conta do tempo, nem do facto de que alguém o estava a ver tocar. Estava em união com Bach; estava em companhia de um dos seus mais queridos e respeitadas amigos. E como o compreende, como o faz cantar e falar e jubilar! Raramente tinha eu visto um mestre tão de perto. Ele tocou durante horas, até que anoiteceu na igreja vazia. Por fim respirou profundamente, levantou-se do banco, e começou a andar — quando subitamente compreendeu que eu estava ali. Pediu desculpa das suas maneiras e dirigimo-nos para casa.

Ao caminharmos na frescura vespertina, eu não reflectia tanto nas suas consecuições intelectuais e artísticas como na sua vida; pensava numa pessoa que se entregou a si mesma e encontrou a paz; em alguém mais interessado em dar do que em receber; muito mais em servir do que em buscar uma recompensa ou louvor. E quando calorosamente me apertou a mão ao despedirmo-nos, disse-me quanto grande privilégio — e responsabilidade — é lidar com os jovens na qualidade de professor. Deu-me a sua última obra contendo o discurso de recepção do prémio Nobel e disse: «Na sua terceira visita terei outro dos meus livros para si.

O Dr. Schweitzer, que na realidade é um génio, é mais do que isso. É um homem de carácter.

A grandeza não é complexa mas simples. Tudo que é grande é simples. E se considerarmos o Dr. Schweitzer como um grande homem, vemos nele alguém que prossegue a sua vida de acordo com princípios que são simples e rectos; princípios eficazes e que produzem uma boa seara.

Quanto mais conheci e compreendi o Dr. Schweitzer, tanto mais humilde ele parece. Não é pretencioso nem exigente quanto às suas necessidades pessoais, mas ansiosa e apaixonadamente deseja empregar a sua actividade em algo que seja bom, valioso, que exalte e enriqueça o reino de Deus.

Eu estava dirigindo uma campanha de evangelização na aldeia quioca de Mussilinjini, em 1947, quando uma coisa milagrosa sucedeu. Era a primeira vez que os adventistas trabalhavam nesta zona especial, e por isso o povo mostrava-se desconfiado e um tanto ou quanto retraído.

Minha mulher e eu, durante todo o dia tínhamos percorrido a aldeia, visitando as casas numa tentativa de ganhar a confiança desta gente; e, finalmente, achávamo-nos recolhidos, quando já eram dez horas. Nós encontrávamo-nos nesta aldeia havia precisamente uma semana, e quase todas as noites mal tínhamos podido descansar por causa do incomodativo barulho dos «batusques».

Porém, nesta noite os «batusques», a uns cem metros de distância da nossa improvisada habitação, não se faziam ouvir pela morte de alguém nem para afugentar o leão. Tão pouco anunciavam qualquer reunião para beber e dançar. Não sabíamos, portanto, por que era aquele ruidoso bater; todavia, o barulho continuava de um modo aterrador, cavo e sonoro.

Era impossível dormir, não somente pelo barulho, mas também porque estava apreensivo por algo de anormal que se estaria passando na aldeia.

Perto da nossa casa, a qual era construída de paus e capim, encontravam-se acampados os mestres nativos que nos tinham acompanhado. Chamei um deles, e juntos nos dirigimos para o local de onde vinha o barulho. Durante o caminho o mestre explicou-me que se tratava dum culto aos demônios. Quando nos aproximamos podíamos ver as fogueiras acesas junto de uma cubata, e todos os homens e mulheres da aldeia ali reunidos para observarem como o feiticeiro expulsaria um demônio de dentro de uma mulher.

A pobre mulher encontrava-se dentro de casa estendida, tremendo de vez em quando, enquanto que algumas das vizinhas lhe borrifavam o rosto com ervas mascadas com água e saliva. A doente ti-

UMA MULHER PAGÃ CURADA PELA SUA FÉ EM DEUS

nha sido trazida duma aldeia próxima pelos seus parentes na esperança de que o feiticeiro a curaria. Desde há muito que ela padecia do ventre, e uma vez que as sangrias a não tinham melhorado, era tida como possessa dos espíritos. Tinham-lhe pintado de branco o rosto e outras partes do corpo, pelo que, com tal tratamento, ela achava-se, de facto, muito doente. Não podendo ter-se de pé, tinham-na transportado numa «tipóia» (espécie de maca).

Ao aproximarmo-nos da cubata, o feiticeiro saiu e ordenou que os «batusques» tocassem mais de rijo. O barulho infernal atingia o auge quando entrámos naquela habitação. Pedimos para que aquele barulho fosse suspenso por algum tempo; e então falámos à mulher. Dissemos-lhe que não era nenhum parente dela já morto que viera introduzir-se nela, e se acaso alguém fosse atacado por espíritos dos demônios, Deus os poderia dominar e expulsar.

Depois de mais algumas palavras de conforto, apresentámos o poder de Jesus para curar toda a espécie de sofrimentos. Falámos-lhe da Sua compaixão para com todo aquele que a Ele vem implorando socorro. Em seguida, perguntámos à doente se ela desejaria tomar algum medicamento dos brancos, e que fizéssemos oração pelas suas melhoras. Ela anuiu. Então, declarei-lhe que o medicamento só seria eficaz de acordo com a sua fé de que Deus a poderia sarar. A mulher ficou impressionada, e confiou no que lhe acabara de dizer.

Ajoelhámos, eu e o mestre que me acompanhara. Orei pela doente e dei-lhe um pequeno comprimido que fora buscar a casa. Ela nunca tinha ouvido um missionário orar, nem tão pouco conhecia nada de Deus e do Seu poder. Mas, uma fé espontânea e livre, como a daquela mulher dos dias de Cris-

to, a tornou capaz de confiar e esperar em Deus, a Quem, até ali, não conhecera nem servira ainda.

Os «batusques» permaneciam silenciosos, bem como as mulheres que momentos antes atrovavam os ares com as suas palmas e algazarra.

Voltámos para as nossas toscas habitações, e sossegámos na esperança de um sono tranquilo. O resto da noite decorreu sem incidente, e estávamos satisfeitos por ter acabado com todo aquele barulho e prática de feiticeiros.

Eu devo confessar, que a fé desta mulher pagã era neste momento maior que a minha, pois eu pouco esperava que ela ficasse completamente curada durante a noite. Na manhã seguinte, completamente limpa e arranjada, uma mulher permanecia diante da nossa porta, vindo com os seus parentes para nos dizer adeus.

Quando minha mulher me chamou, eu mal podia acreditar no que os meus olhos viam. Custou-me a reconhecer naquelas faces sorridentes, a aflita criatura da noite anterior.

Hoje aquela mulher pagã, que fora quase instantaneamente curada pela fé em Deus, é uma consagrada seguidora de Cristo. Frequentemente ela testifica do poder da fé. Para mim, a coisa mais maravilhosa não é que ela tenha sido curada milagrosamente, mas que tenha correspondido ao amor de Deus tão rápida e espontaneamente. Que se voltasse para Deus e assim se conserve é um milagre da fé.

Nos meus vinte e sete anos de lidar com as rudes almas africanas, nunca tive experiência igual à desta mulher pagã.

Vitorino Chaves

«E esta é a vitória que vence o Mundo, a nossa fé» I João 5:4.

RECORDAR É VIVER

Meu saudoso Pai e eu vivemos alguns anos em Lisboa e éramos dois amigos inseparáveis. Frequentávamos teatros. Era rara a semana em que não fôssemos tomar um café ao som de fados e guitarradas. Se havia qualquer festa popular, lá estávamos para apreciar. Eram os meus sonhos o «carroussel», a barraca dos fantoches e a popular barraca das faturas. Meu pai não era alcoólico, mas era um fumador inveterado. Algumas vezes eu acordava de noite, e via-o assentado na cama a fumar. Mas era religioso convicto. Nas suas conversas, nos nossos passeios por jardins e campos, que tanto apreciávamos, incutia-me sempre um respeito profundo pelo Pai Celeste.

Um dia jantámos mais cedo, dispostos a passar uma boa parte da noite na antiga Feira de Agosto. Ao passarmos pela Rua dos Poiais de S. Bento ouvimos um lindo coro, acompanhado a órgão e violino. Parámos para escutar melhor. Nisto vem à porta da casa onde cantavam um sujeito muito amável. Era o Ir. João de Sá, que deveria ser mais tarde meu companheiro de trabalho, pois fomos nós, o Dr. Tongue e o Pastor Baker, que collocámos as primeiras pedras da actual Missão do Bongo. Convidou-nos a entrar. Logo que nos assentámos, veio uma senhora de nacionalidade alemã, que era a Irmã Dolde, com uma Bíblia e um Hinário, emprestando tudo a meu Pai, para que ele acompanhasse com atenção todas as fases do culto, a que estávamos assistindo pela primeira vez.

A pregação, dirigida pelo Pastor Rentfro (que foi o pioneiro da Obra Adventista em Portugal), caiu em cheio nos ouvidos de meu Pai. Não me lembro do que se tratou, pois isto passou-se em 1909, tinha eu os meus nove anos de idade. Enquanto estivemos em Lisboa, nunca mais faltámos àquela encantadora salinha de culto. Em contrapartida, nunca mais apa-

recemos em lugares de diversões, impróprios para todos aqueles que esperam a vinda gloriosa do Senhor Jesus.

A luta contra o tabaco devia ter sido dura, mas sei que meu Pai saiu vitorioso, pois nunca mais o vi pegar num cigarro. Não tardou muito que fizéssemos parte de um grupo de pessoas a caminho da praia de Algés, onde fomos baptizados. Ainda me lembro de ver o Pastor Alberto Raposo dentro de um barquinho a tirar fotografias desta solene cerimónia, enquanto um outro grupo dava alegremente louvores a Deus.

Pouco depois partíamos para Angola, a bordo do vapor «Portugal». Parti cheio de saudades, não propriamente de Lisboa, mas dos meus colegas da Escola Sabatina, que nunca mais tornei a ver.

★

Em 1922 — treze anos depois — chegam a nossa casa, em Luanda, de surpresa, dois sujeitos desconhecidos, sorridentes, de boa apresentação, a dizer-nos: «Somos missionários adventistas e vamos iniciar a obra missionária em Angola. Precisamos da vossa cooperação». Meu Pai quando ouviu estas boas novas abraçou-os com certa emoção. Estes dois sujeitos desconhecidos, falando o português ainda com alguma dificuldade, tinham chegado da cidade do Cabo, e eram o saudoso Pastor Anderson, muito amigo de meus filhos, e o Pastor Baker. O primeiro partiu para o Huambo (hoje Nova Lisboa), a fim de organizar a União Angolana e a sua sede. O último escondeu-se a deztoito quilómetros do Lépi, numa mata cerrada, cheia de mosquitos,

conhecido pelo nome de Bongo. Foi muito dura a luta destes dois homens. Depois aparecemos, o Ir. João de Sá, o Dr. Tongue, o professor de Bíblia Harder e eu, e assim prosseguiu com mais força a obra adventista em Angola.

★

Em Fevereiro de 1938 dei o último abraço a meu Pai, que na mesma noite partiu para o Norte, a caminho da sua terra. Eu largava com minha família para o Sul, a caminho do meu saudoso posto missionário — a Missão do Lucusse.

A. S. Oliveira

OS MINISTROS E O SEU EXEMPLO

«Ministros de Cristo, que professam ser representantes Seus, devem seguir-Lhe o exemplo e, acima de todos os outros, formar hábitos de estrita temperança. Cumpre-lhes manter diante do povo, por sua própria vida de abnegação, sacrifício e activa beneficência, a vida e exemplo de Cristo. Ele venceu o apetite em favor do homem; e, em lugar d'Ele, devem os ministros, por sua vez, apresentar aos outros um exemplo digno de imitação. Os que não sentem a necessidade de empenhar-se na obra de vencer o apetite, deixarão de alcançar preciosas vitórias que poderiam obter, tornando-se escravos do apetite e da concupiscência, os quais estão enchendo o cálice de iniquidade dos que habitam na Terra.

Os homens empenhados em anunciar a última mensagem de advertência ao Mundo, mensagem que deve decidir o destino das almas, devem aplicar na própria vida as verdades que pregam aos outros. Devem constituir, no comer e beber, em sua casta conversação e conduta, um exemplo para o povo.» — *Test. Selectos*, V. I, pág. 420.

NOTÍCIAS DO CAMPO

UNIÃO PORTUGUESA

Canelas

«Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do reino de Deus, e do nome de Jesus Cristo, baptizavam-se, tanto homens como mulheres». Act. 8:12. A semelhança do que foi nos dias dos apóstolos, que agregavam à igreja pelo baptismo aqueles que criam no Senhor Jesus, prègado no Seu evangelho, e sendo este ainda o mesmo poder de Deus para salvar os que crêm, resulta com efeito que todos quantos atenciosamente ouvem e crêm acerca do reino de Deus, baptizam tanto homens como mulheres, e jovens também poderíamos dizer, visto ser grande o número dos moços que se sentem atraídos para Jesus, seu incomparável Amigo.

A suma do evangelho, além do educar, e do curar que lhe são apropriados, é ainda o de ensinar as almas a viverem a linda e bela vida cristianizada, porque sem esse ensino, os curados, e os educados podem não sentir o efeito essencial que o evangelho opera na alma humana.

É realmente o espírito vivificante que se apodera do crente, mediante o ensino que este recebe da Santa Escritura, que o leva a viver a vida, na escala do Temor de Deus, e no amor do Senhor Jesus, de cuja influência se sente seguro, e em paz. Cordialmente desejamos que todos quantos temos entregue ao Senhor no baptismo, e agregados à igreja, se sintam animados e felizes por lhes ter sido dado do Céu a graça do ensino de Jesus, como no caso do Eunuco, que jubiloso pelo que aprendeu de Cristo, e pelo baptismo, continuou o caminho da sua vida, agora cristianizada.

As palavras que acima ficam, trazem também a alegria aos nossos corações, pelas almas que vêm voluntariamente pedir o ensino de Jesus, e o seu baptismo, para se agregarem ao Seu povo, quer jovens, quer adultos ou velhos mesmo, todos sentem a necessidade da sua segurança neste caminhar da vida para a eternidade. E foi movidos por essa necessidade que nove almas, dentro daquelas idades, se renderam ao Senhor, pelo baptismo no Seu santo Dia, o Sá-

bado 28 de Abril, na igreja de Canelas, das quais duas pertencem à igreja de Avintes. A alegria dos irmãos era bem visível, cantando alternadamente com as cerimónias o muito conhecido canto indicado. Assim se sentiam comovidos os visitantes presentes, alguns dos quais interessados desejam também que esse solene acto lhes chegue com brevidade.

Continuamos nos postos abertos ao ensino do Senhor, instruindo todos quantos lá vão, não nos poupando a esforços e despesas, para que sempre novas pessoas atendam aos nossos convites. O nosso maior esforço desta temporada de evangelização finda nesta primavera, foi na vila de Espinho, onde residimos, e onde já existia um casal adventista, e mais alguém interessado também como resultado dos nossos convites impressos que foram uns bons milhares, desde Novembro a Abril, sempre amável e voluntariamente distribuídos pelos nossos jovens de Canelas, e três de Espinho. Bom número de almas passaram pela nossa sala, e ouviram algo das verdades eternas para este tempo. Cremos não se ter feito em vão esse esforço, embora não vejamos já um grande interesse. Mas anima-nos o interesse dum bom grupinho que estuda conosco a mensagem de Jesus, todas as segundas e sextas-feiras à noite, na nossa sala, que está sendo pintada na sua face principal, onde leva uma boa tabuleta dizendo o fim a que se destina, aqui na vila. Contamos com o Senhor que nos dê ainda este ano alguns frutos do nosso pobre e humilde trabalho.

A vós, caríssimos irmãos leitores destas simples notícias, se vos pede, que vos lembreis deste trabalho, como nós nos lembramos do vosso, que resultará todo no final em numerosíssimas almas de eleição para O mui digníssimo Salvador delas — Jesus Cristo.

Manuel Miguel

Castelo Branco e Nisa

Após prolongado silêncio, vamos dar algumas notícias do Campo que o Senhor nos confiou, que abrange Castelo Branco e Nisa.

1 — Castelo Branco

Em fins de Setembro de 1955 viemos fixar residência nesta cidade onde ainda não havia trabalho aberto; havia algumas pessoas que tinham conhecimento da existência dos adventistas e só uma ou duas conhecia alguma coisa da doutrina adventista.

Aqui o campo é bastante duro: as pessoas são, em geral, muito atenciosas mas estão muito agarradas à tradição, são muito fanáticas e as consciências, em grande parte, dominadas pelo catolicismo.

Contudo, Deus tem sido conosco, tem-nos abençoado grandemente e tem-nos encaminhado ao encontro de almas sinceras que desejam conhecer a verdade.

Temos visitado regularmente várias pessoas e temos feito, em nossa casa algumas reuniões particulares a que já têm assistido mais de uma dezena de pessoas.

Verdadeiramente ainda não temos decisões mas já vemos alguns progressos.

Necessitamos abrir uma sala ao público para que maior número de pessoas possa ter o privilégio de ouvir a mensagem, mas surge a dificuldade de encontrar uma casa apropriada e, encontrando-a, haver quem queira alugar para efeitos de evangelização.

Estamos convencidos, porque o trabalho é de Deus, que esta cidade será ricamente abençoada, que há-de haver aqui um despertamento e que a Luz irradiará também aos arredores.

2 — Nisa

Na vila mais setentrional do Alentejo temos uma igreja organizada há vários anos. É uma igreja pequenina, com poucos membros, mas podemos dizer que é uma igreja viva, pois os seus membros permanecem firmes na fé. Nos cultos de Sábado estão, em geral, presentes quase 100 % dos membros da igreja.

Alguns membros da mesma igreja têm sido abordados por elementos da Igreja católica, naturalmente com o fim de estabelecer confusão e de enfraquecer a nossa igreja, mas nenhum cedeu um passo e defenderam firmemente os princípios que aceitaram.

No passado dia 12 de Maio aumentou a família adventista de Nisa, pois três pessoas selaram o seu pacto com Deus por meio das águas do baptismo. Fazemos planos para que ainda neste ano o número de membros da igreja possa continuar a aumentar.

Só podemos ter reuniões regulares aos Sábados, as reuniões da noite não são regulares visto que a nossa residência é em Castelo Branco e há a dificuldade dos transportes. Há, de facto, reuniões todos os Domingos e Quintas-feiras, mas são, quase sempre, dirigidas por Membros Leigos.

Há dias deslocámo-nos ao Monte do Arneiro (localidade no concelho de Nisa, a 17 km desta vila), onde temos algumas pessoas muito interessadas e que estão fazendo planos para dar o seu passo decisivo, e ficámos convencidos que haverá possibilidade de desenvolver ali as nossas actividades evangelísticas.

31 de Maio de 1956.

Joaquim Nunes Ramos

Ribeira de Nisa e S. Julião

Baptismos — O humilde baptistério da Igreja de S. Julião, um tanque no quintal da Igreja, que havia sido construído expressamente para esse fim, teve o privilégio de receber nas suas águas, em nome de Deus, em 12 de Maio corrente, 14 preciosas almas que selaram o pacto com o seu Salvador de viverem a vida da fé e da obediência, sendo 3 da Igreja de Nisa, por intermédio do pastor consagrado A. Casaca, e 11 da Igreja da Ribeira de Nisa e do Grupo de Santo António das Areias, pelo Anciao, pastor de duas igrejas locais, Jerónimo Falcão.

Tivemos pena de não havermos tido a presença do nosso prezado Irmão Pastor E. Ferreira, Presidente da União, que não pôde comparecer.

As Igrejas da Ribeira de Nisa e de S. Julião, a nosso cargo, estão, pois, de parabéns pelo aumento de novos membros, sendo 2 para a primeira e 9 do Grupo de Santo António para a segunda. Este considerável aumento do nosso Grupo de Santo António deve-se à bela colaboração que os irmãos do mesmo têm prestado como fachos de luz brilhante, juntamente com o belo trabalho realizado pelos irmãos Manuel Pires e João Pires, de S. Julião.

Além da presença do Pastor A. Casaca, esteve presente o nosso prezado Irmão Eng.º J. Ramos, que trouxe o seu grupo para bap-

tiziar, da Igreja de Nisa. Tivemos também o prazer de ver no nosso meio o nosso prezado Irmão F. Esperancinha, antigo obreiro da Igreja de S. Julião.

Foi oficiante no culto do acto alusivo ao Baptismo o Anciao, J. Falcão, pastor da Igreja local, e cedemos o acto do exame, em conjunto aos candidatos, ao Pastor A. Casaca.

Durante a preparação do vestuário, após os baptismos, tivemos o prazer de dar a palavra ao nosso prezado Irmão Eng.º J. Ramos, que baseou a sua prelecção na conversão do apóstolo Paulo, salientando que ele não foi desobediente à visão que teve e se regozijava na salvação. Assim também os novos convertos que acabaram de fazer o pacto com Deus não foram igualmente desobedientes à «visão» que tiveram: a mensagem das boas novas da Salvação da Palavra de Deus, e igualmente se alegram na fé e na gratidão a Deus. Finalmente fez um apelo para que se conservassem sempre firmes os que agora eram chamados a pertencer à família de Deus, e estendeu o seu apelo a todos aqueles que têm fome e sede de salvação e que ainda não fizeram o pacto com Deus para que o façam antes que seja tarde de mais.

«Escudo Missionário» — A ideia da criação do «Escudo Missionário Mensal» como auxílio financeiro para maior expansão mundial e fundo de emergência da obra de Deus em que cada membro se prontifica a concorrer com um escudo ou mais ou menos no levantamento da colecta do 1.º Sábado de cada mês, dando como resultado o acréscimo considerável de 1 milhão ou mais de escudos mensais de receita, sem nenhum sacrifício sensível, mesmo da parte dos mais pobres, encontrou boa vontade e entusiasmo de todos os irmãos das igrejas a nosso cargo. É que a maioria dos nossos membros, embora pobres em bens materiais, são ricos para Deus. É esse o segredo das bênçãos divinas.

Campanha das Missões — O nosso trabalho desta faceta anual começou bem e está continuando do mesmo modo. Os nossos irmãos de Santo António estão fazendo um bom trabalho, como o fizeram o ano passado. O nosso Irmão Manuel Pires, de S. Julião, com o seu apreciável espírito de aproveitamento de oportunidades, entre os seus fornecedores, clientes e amigos, está agindo, como nos anos transactos, de sorte a alcançar um bom numerário. A Ribeira de Nisa está também metendo

mãos à obra, partindo já para fora o primeiro grupo.

Próxima Festa das Mães — Estamos em vésperas de realizar a nossa Festa das Mães, tanto na Ribeira de Nisa como em S. Julião. As nossas juventudes estão entusiasmadas, elaborando os seus programas para esse efeito, querendo manifestar às mães (e não esquecendo igualmente os pais) a sua gratidão, pois também é da Lei de Deus: «Honra teu pai e tua mãe...»

Pelas Igrejas da Ribeira de Nisa e de S. Julião,

J. Falcão

Faro

Mais uma vez o Senhor nos ajudou a proclamar a Mensagem. Após uma Primavera que vem encher as nossas salas, coroámos o nosso esforço de evangelização com dez baptismos.

Tivemos a alegria de ver, em especial na igreja de Faro, muitas novas caras, incluindo muitos jovens. Numa investidura efectuada em Junho pelo Pastor Fernando Mendes houve mais de quarenta investiduras. O trabalho progride em todos os aspectos e em todas as localidades onde trabalhamos, graças ao Senhor. De Tavira houve mais três baptisms, elevando os que já se baptizaram dessa cidade ao número de dezasseis. Como se não de lembrar os prezados irmãos, este é o segundo ano que ali trabalhamos. Em Portimão, onde há muitos anos temos uma fiel irmã, que de quando em quando costumamos visitar, o Senhor nos concedeu agora mais uma alma, trazida por seu intermédio.

Resta muito a fazer pela proclamação do Evangelho Eterno neste Algarve; e todos os nossos irmãos estão activos, procurando fazer a sua parte no avanço do Reino dos Céus. O seu bom espírito tem-se mostrado na parte tomada na Campanha das Missões, que todos contribuíram para levar a cabo.

João Chaves

Angra do Heroísmo

De uma carta escrita pelo Ir. J. J. Laranjeira, obreiro na Igreja de Angra, extraímos os seguintes parágrafos:

«Após oito meses de trabalho nesta ilha da Terceira, tivemos o privilégio de assistir à entrega de três preciosas almas a Deus por meio do baptismo.

«No dia de Sábado, 23 de Junho, logo de manhã, começamos a afluir à Igreja de Angra de

Heroísmo os nossos irmãos, incluindo os de mais longe, que pela distância raras vezes se podem deslocar dos seus lares para assistir às reuniões. Em todos os rostos havia uma expressão de satisfação, já pelo convívio mais amplo entre os irmãos, já porque nesse dia se ia assistir a duas soleníssimas cerimónias: Baptismos e Santa Ceia. Foi às onze horas da manhã, e depois de uma boa Escola Sabatina, que começou a primeira destas cerimónias com pregação alusiva ao acto que, após um breve exame ministrado aos baptizando, se realizou na nossa residência, onde três convertidos ao Evangelho da Salvação sepultaram a sua 'velha vida' nas águas baptismaes, surgindo das mesmas com a decisão de viverem a 'nova vida' em Cristo Jesus. A cerimónia decorreu no meio de uma boa assistência que entou as estrofes do hino n.º 127, cada vez que o candidato saía da água. Agradecemos a Deus este privilégio, e que o Senhor nos conceda muitas almas para o Seu reino.

«A Santa Ceia teve lugar às três horas da tarde, assistida por todos os nossos irmãos, que para isso também se deslocaram à igreja. Houve momentos de bom convívio espiritual durante este Sábado, que certamente ficou gravado por muito tempo no coração de todos.

«Na Cadeia Civil desta cidade de Angra, aonde vamos todos os domingos passar a lição da Escola Sabatina entre os presos, temos pelo menos dois directamente interessados, que só esperam a liberdade para serem baptizados. Nas Lages o trabalho decorre sem dificuldades de maior. Pedimos as vossas orações pelo progresso do Evangelho nesta particula da Obra de Deus.»

Guiné

Há já um grupo de pessoas na Guiné, que estão vivamente interessadas em conhecer melhor e em seguir a Mensagem Adventista. Desde há algum tempo que estão guardando o Sábado e os outros princípios da Igreja.

Dentre essas pessoas distingue-se pelo seu entusiasmo e pelo seu zelo a Sr.ª D. Leopoldina Gomes dos Amjos, que escreveu um interessante testemunho, do qual transcrevemos os seguintes parágrafos:

Há, portanto, seis anos que eu saí da Missão Protestante; e quando a minha mãe soube disto, escreveu-me pedindo-me para eu voltar para Teixeira Pinto,

por a vida em Bissau ser muito difícil; mas eu preferi antes ficar, embora tivesse que passar por grandes dificuldades, do que deixar de fazer a vontade de Deus. De facto, muitas foram as provações por que eu passei, mas sempre com a minha Fé firme em Deus, e Ele ajudou-me a vencer!

Agora estou em minha casa: trabalho para mim e para Deus, ganho honradamente o meu pão de cada dia, que também reparto com a minha mãe e os que vivem em necessidade. Durante estes seis anos o Senhor tem estado a experimentar-me com trabalhos áduos: debaixo de Sol e chuva, a capinar o quintal da minha casa para o cultivo de batata doce, mandioca e amendoim, e também a levantar-me todos os dias de madrugada para pilar arroz e fazer o «cuscus» que dou à minha «badjudá» (uma criadinha) para ir vender no mercado. Mas eu não estranho as provações por que tenho passado, porquanto sei que todos os que querem seguir a Jesus com piedade também hão-de sofrer como os apóstolos sofreram. «Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no facto de serdes participantes das aflições de Cristo: para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus» (I Pedro 4:12-14). Portanto, meus caros leitores, o nós sofreremos neste mundo pelo nome de Cristo, é sempre um nada quando comparado com o grande sofrimento que Ele suportou por nós na cruz do Calvário, pois Aquele que é santo entregou-Se a Si mesmo por causa dos nossos pecados. Dou graças a Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo!

Durante cinco anos eu orei sempre a Deus, pedindo-Lhe para me revelar todos os Seus preceitos, levar-me para junto do Seu povo e levantar-nos, finalmente, aqui na Guiné, onde ainda não há religião verdadeira, uma Igreja que professa a verdade. Bendito e louvado seja Deus, de ontem, de hoje e de sempre! Ele respondeu às minhas orações; e que continue, pois, a responder-me sempre; enquanto ainda estiver neste mundo, até o dia em que serei recolhida para a eternidade, pelo amor do Seu amado Filho Jesus.

Eu desconhecia tudo quanto dizia respeito à guarda do Sábado, mas em resposta às minhas orações o Senhor mostrou-me toda a verdade acerca da observân-

cia deste dia santo e imutável; fê-lo, porém, por meio de um livro intitulado «A Nossa Época e o Destino do Mundo». Assim, a leitura deste livro veio despertar-me mais interesse para o estudo das Sagradas Escrituras, e o assunto do Sábado foi descoberto tanto no Velho como no Novo Testamento. Aceitei esta verdade sem a menor dúvida, porque sei que tudo quanto está escrito na Bíblia é proveitoso para o nosso ensinamento. Descobri também que Cristo não aboliu o Sábado, pois Ele não veio para destruir a Lei de Deus, mas para cumprir (Mat. 5:17-19). O meu coração, portanto, não endureceu; ao contrário, fui obediente à voz do meu Pastor que diz: «Se me amardes, guardareis os meus mandamentos» (S. João 14:15).

Havia também três almas que estavam a receber estudos que eu lhes dava. Testifiquei-lhes acerca do Sábado e hoje o estão observando fielmente, de modo que agora todos os Sábados nos reunimos em minha casa para adoração e estudo da Palavra de Deus. Graças ao Senhor, há um ano e oito meses que estamos observando o Santo Dia do Senhor com zelo e fidelidade. Graças a Deus! Mas por sua vez, os Pastores Evangélicos da Guiné empregaram todos os esforços para que nenhum dos membros das suas Igrejas me desse ouvidos, por eu ser, diziam eles, uma «endemoninhada» e estar a ensinar «doutrinas falsas». Porém, tudo foi em vão, pois o Senhor deu-me almas sinceras que me estão seguindo na guarda do Sábado; e afinal, deparou-nos Ele o Seu servo, o Irmão Gregório Rosa, que veio para nos elucidar mais e mais acerca das coisas de que nós outrora ignorávamos. Agora estou dando graças e louvores ao nosso Bendito Salvador por Ele me ter colocado no meio do Seu povo Adventista do Sétimo Dia; dou graças porque a verdadeira religião já veio até nós e será fundada brevemente na Província da Guiné Portuguesa.

Estou contente por saber que já consagrei toda a minha vida ao Senhor, pois quero ser útil à Sua Obra aqui na Terra até que me leve para o meu descanso, na sepultura. Peco, portanto, a todos os Irmãos Adventistas de todo o Mundo, que orem ao Senhor para que Ele derrame a luz do Espírito Santo sobre o povo da Guiné e mande também Obreiros para a Sua seara.

A minha alma espera somente em Jesus, porque d'Ele vem a minha esperança. Só Ele é a minha Rocha e a minha salvação; Ele é

a minha defesa, não serei abalada. Em Jesus está a minha salvação e a minha glória. A Rocha da minha fortaleza e o meu refúgio estão em Jesus!

Vossa em Cristo,

Leopoldina Gomes dos Anjos

S. Tomé

O Pastor Eliseu Miranda escreveu-nos em 17 de Junho uma carta, da qual extraímos as seguintes linhas, que sem dúvida interessarão os nossos leitores:

«Durante a Semana do Ultramar tivemos a honrosa visita do sr. Chefe da Administração Civil e do sr. Chefe da Repartição do Gabinete de Sua Excelência o Governador. Vieram assistir a uma palestra feita pelo Ir. José Augusto. Esta palestra constava do programa oficial anunciado no jornal da terra. No final, as nossas ilustres visitas elogiaram muito o trabalho apresentado. Visitaram em seguida a escola, tendo dirigido palavras de louvor acerca da maneira como está instalada. Também nos sentimos satisfeitos por vermos honrada a causa de Deus. Na sexta-feira passada tivemos outra vez a visita das mesmas autoridades para assistirem a uma palestra feita por um aluno da nossa escola, que tinha ido a Lisboa representar com outros colegas a Mocidade Portuguesa de S. Tomé, no Acampamento Nacional e no Congresso Nacional da mesma organização.»

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Tomar — Com 58 anos de idade, faleceu o nosso Irmão Daniel Lopes Noivo, um dos mais antigos e consagrados membros da Igreja de Tomar.

Estimado que era por todos os Irmãos, a sua morte foi bastante sentida.

Na tarde de 10 de Abril do corrente, acompanhámo-lo à sua «última morada» terrestre, no cemitério de Tomar, onde o seu corpo repousa, aguardando o dia em que será revestido da imortalidade, segundo a promessa do Senhor.

Que a bênção de Apocalipse 14:13 repouse sobre ele, e que o Senhor nos conceda rever-nos na gloriosa consagração dos santos, quando Ele enviar os Seus anjos a juntar «os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos Céus!» (Mat. 24:31).

A família enlutada, os nossos sentidos pêsames.

R. M.

A nobre vocação da Colportagem

A igreja remanescente foi confiada a tarefa de evangelizar o Mundo nesta geração. Todas as diferentes secções da nossa organização têm sido consagradas à realização desta tremenda tarefa.

Agradecemos a Deus pela nossa obra de evangelização, e também pela nossa obra médica e por todos os outros auxiliares para o cumprimento deste grande objectivo, mas é um facto significativo que todas as outras partes da nossa obra organizada são realçadas pela nossa obra de publicações. Referindo-me à nossa obra médica e ao ministério, dois dos mais importantes aspectos do nosso trabalho, o Espírito de Profecia diz-nos: «A genuína obra médica está ligada ao ministério, e a colportagem deve participar tanto da obra médico-missionária como do ministério.» — *O Colporteur Evangelista*, pág. 20.

Falando ainda da importância da colportagem, o Espírito de Profecia diz-nos que ela foi ordenada por Deus e que «se não fossem os esforços do colporteur, muitos nunca ouviram a advertência.» — *Ibid.*, pág. 7.

Compreendendo a grande importância deste trabalho como instrumento para a salvação de almas, é necessário que o colporteur seja

treinado para esta elevada vocação.

Alguém disse: «A arte de vender é a maior profissão do Mundo. Exige tudo o que há no homem. Necessitais de conhecer psicologia, necessitais de tacto, inteligência, domínio próprio, coragem, confiança, persistência, entusiasmo e inesgotável bom humor. Não é trabalho para pessoas de segunda qualidade. Tendes de trabalhar bem ou fracassareis.»

Fiéis estudantes

«Sejam os colportores fiéis estudantes, aprendendo como ter o máximo êxito. E enquanto estão assim empregados, conservem os olhos, e os ouvidos, e o entendimento abertos para receber sabedoria de Deus, a fim de que saibam como ajudar aos que estão perecendo por falta de conhecimento de Cristo.» — *O Colporteur Evangelista*, pág. 66. É-nos dito ainda: «Os colportores devem ser instruídos e preparados para fazer o trabalho requerido em vender os livros sobre a verdade presente, dos quais necessita o povo. São precisos homens de profunda experiência cristã, homens de espírito bem equilibrado, homens fortes e bem educados, para empenhar-se nesta obra.» — *Ibid.*, pág. 25.

Mais alto do que o que o mais alto pensamento pode atingir é o ideal de Deus para os Seus filhos, e para que o colporteur seja o que Deus espera dele, deve propor-se a si mesmo um elevado ideal.

Disse alguém: «O principal motivo porque o homem médio fracassa é porque nunca aprendeu a pensar analiticamente — e por consequência se limita a ter palpites. Fazemos quatro coisas na vida — pensamos, recordamos, imaginamos e agimos. Realizar estas quatro coisas eficientemente equivale a ter êxito.»

Funchal — No dia 4 de Julho, cumprimos o nosso dever acompanhando até ao cemitério de Santo António, o corpo da nossa irmã na fé, Amélia Gonçalves Franco.

Era mãe dos nossos irmãos na fé, Ernesto, Arnaldo e José Franco, ausentes na Venezuela. Era esposa do nosso irmão Carlos Franco, membro da igreja do Funchal.

Em casa e no cemitério foram ditas algumas palavras alusivas ao acto, onde se procurou deixar na mente dos ouvintes a ideia da ressurreição.

Esta irmã, que havia já vários anos estava paralítica, descansou agora dos seus trabalhos.

A família Franco e nossos irmãos na fé apresentamos as nossas condolências. — *M. Laranjeira.*

C. Dirgoonanan